

CONTRADIÇÕES DE FORTALEZA: ENTRE O TURISMO GLOBALIZADO E A REPRODUÇÃO DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA

CONTRADICTIONS OF FORTALEZA: BETWEEN THE GLOBALIZED TOURISM ANT THE REPRODUCTION OF THE LOWER CIRCUIT OF ECONOMY

CONTRADICCIONES DE FORTALEZA: ENTRE EL TURISMO GLOBALIZADO Y LA REPRODUCCIÓN DEL CIRCUITO INFERIOR DE LA ECONOMÍA

Marina Regitz Montenegro¹
montenegromarina@hotmail.com

RESUMO

Fortaleza se destaca hoje como uma das capitais mais modernas do Nordeste, haja vista a expansão de sua área de influência e a intensificação do turismo, o qual se consolidou nos últimos anos como o principal vetor de modernização do estado do Ceará. A adoção de uma modernização pautada no turismo tem implicado, contudo, a remodelação do seu meio construído e o rearranjo de sua economia urbana, com a seleção de determinados atores e parcelas da cidade que concentram investimentos públicos e privados. Prevalece, assim, a lógica do grande empreendimento, a qual não vem suscitando a incorporação do pequeno capital e da população local, e quando o faz é de forma precária. Contudo, a economia popular também tem encontrado seus meios de se adaptar e participar de forma ativa, ainda que indiretamente, desta modernização recente de Fortaleza; uma vez que os agentes do circuito inferior da economia (SANTOS, 1975) também desenvolvem suas estratégias para adequar-se não só à internacionalização do mercado turístico, mas aos diferentes nexos do período da globalização na cidade. A feirinha da Avenida Beira-Mar representa, nesta direção, um lugar bastante representativo desta capacidade de renovação do circuito inferior em suas relações com o turismo globalizado no período atual, a qual é focada no âmbito deste artigo.

Palavras-Chave: globalização, modernização, turismo, pobreza, circuito inferior.

¹ Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente realiza um Estágio Pós-Doutoral no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).

ABSTRACT

Fortaleza stands today as one of the most modern capitals of the Northeast, given the expansion of its area of influence and the expansion of tourism, which has consolidated itself in recent years as the main vector of modernization of the state of Ceará. Adopting a modernization lead by tourism has meant, however, the remodeling of its built environment and the rearrangement of its urban economy, with the selection of certain actors and portions of the city that concentrate public and private investments. Triumphs, thus, the logic of the great enterprise, which is not requiring the incorporation of small capital and of local population, and when it does is precariously. However, the popular economy has also found their ways to adapt itself and participate, even indirectly, in this recent modernization of Fortaleza actively; since the agents of lower circuit of the economy (SANTOS, 1975) also develop their strategies to suit not only the internationalization of the tourism market, but the different connections of the period of globalization in the city. The feirinha of Beira-Mar Avenue is, in this direction, a representative location of this renewing capacity of the lower circuit in its relations with the globalized tourism in the current period, which is focused within this article.

Keywords: globalization, modernization, tourism, poverty, lower circuit.

RESUMEN

Fortaleza es hoy una de las capitales más modernas del Nordeste, dada la expansión de su área de influencia y la expansión del turismo, que se ha consolidado en los últimos años como el principal vector de la modernización del Estado de Ceará. La adopción de una modernización capitaneada por el turismo ha significado, sin embargo, la remodelación de su medio construido y el reordenamiento de su economía urbana, con la selección de ciertos actores y partes de la ciudad que concentran la inversión pública y privada. Predomina, por lo tanto, la lógica de la gran empresa, que no incorpora el pequeño capital y la población local, y cuando lo hace es precariamente. Sin embargo, la economía popular también han encontrado sus formas de adaptarse y participar, aunque sea indirectamente, en esta reciente modernización de Fortaleza de forma activa; visto que los agentes del circuito inferior de la economía (SANTOS, 1975) también desarrollan sus estrategias para adecuarse no sólo a la internacionalización del mercado de turismo, pero a los diferentes nexos del periodo de la globalización en la ciudad. La feirinha de la Avenida Beira-Mar representa, en esta dirección, un lugar bastante representativo de esta capacidad de renovación del circuito inferior en sus relaciones con el turismo globalizado en el período actual, la cual es analizada en este artículo.

Palabras-clave: globalización, modernización, turismo, pobreza, circuito inferior.

AS DIFERENTES FACES DA MODERNIZAÇÃO RECENTE EM FORTALEZA

No período atual, o sistema técnico contemporâneo encontra-se cada vez mais presente no território brasileiro, capilarizando-se pelas diferentes regiões do país. No Nordeste, a chegada das variáveis da globalização e a instalação de um meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996) se dão de forma localizada em determinadas “manchas” da região. A intensificação do turismo aparece como um vetor importante desta modernização recente que impões novas lógicas às atividades urbanas na região nordestina. Estruturas sociais arcaicas seguem dificultando, contudo, mudanças sociais e econômicas, retardando a evolução técnica e mantendo na pobreza grande parte de sua população (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

No âmbito regional, Fortaleza se destaca hoje como uma das capitais mais modernas, haja vista a expansão de sua área de influência, a diversificação de sua atividade econômica e a importância de um contingente populacional de mais de 2,5 milhões de habitantes (SILVA, 2007). No entanto, a cidade figura, ao mesmo tempo, dentre aquelas que apresentam os mais altos índices de pobreza e as piores condições de vida entre as capitais brasileiras (IBGE, 2010).

No estado do Ceará, a modernização recente pauta-se sobretudo em três vetores principais: o turismo, o agronegócio de frutas tropicais e grãos, e a indústria moderna (SILVA, CAVALCANTE e DANTAS, 2007). A importância crescente destas atividades tem implicado um intenso processo de reestruturação do território e da economia cearenses (ELIAS, 2007), com a progressiva instalação de uma infraestrutura material e imaterial moderna para garantir a inserção do estado nas lógicas de produção e consumo globalizados.

No espaço agrário cearense, até os anos 1970 definido pelo binômio gado e algodão, dá-se agora à chegada de novas formas de produção intensivas em capital e tecnologia, como o agronegócio e as grandes indústrias calçadistas. Já na metrópole de Fortaleza, é a intensificação da atividade turística que tem provocado as principais transformações recentes. A intensidade destas mudanças nos meios urbano e rural tem sido acompanhada, no entanto, pela pauperização

da população e pelo aprofundamento da fragmentação e da segregação em diferentes escalas. Em Fortaleza, a adoção de uma modernização pautada no turismo tem implicado, assim, não apenas a remodelação do seu meio construído, mas o rearranjo de sua economia urbana, com a seleção de determinados atores e parcelas da cidade que concentram investimentos públicos e privados.

De acordo com Dantas (2007), o turismo se consolidou efetivamente como a principal diretriz de modernização da economia cearense nas últimas duas décadas. Neste processo, o papel do Estado em garantir o equipamento do território, visando aumentar sua atratividade para grandes investidores e turistas, tem sido central; dado que a promoção recente do turismo no estado se amparou, sobretudo, na participação do governo do Estado no PRODETUR-NE (Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste). Recursos de bancos públicos e privados internacionais, captados através deste programa, foram empregados na construção de um novo aeroporto internacional e de vias litorâneas, na implantação de uma infraestrutura básica para a prática do turismo (manutenção de estradas, ampliação das redes de energia elétrica e saneamento), na consolidação de equipamentos de lazer (como o Centro Cultural Dragão do Mar e o Mercado Central) e na revitalização de calçadões à beira-mar em Fortaleza (nas praias de Iracema, Meireles e Futuro).

Produziu-se, assim, toda uma tecnoesfera (SANTOS, 1996) “propícia” ao turismo, com a conformação de um território fluido à sua prática e aos grandes investimentos no Ceará e, notadamente, na capital do estado. Esta inserção na lógica da produção e do consumo globalizados se dá, porém, à custa de investimentos públicos em áreas sociais (ELIAS, 2007), implicando, por conseguinte, o aumento da pobreza, da precariedade e do desemprego. Deste modo, aprofunda-se hoje no Ceará, assim como em outros estados da região nordestina, uma lógica fragmentadora:

Percebe-se claramente uma fragmentação do Nordeste: espaços propícios à exploração de diferentes atividades e receptores de farto volume de investimentos, evidenciando um Nordeste turístico e um Nordeste do agronegócio, em oposição ao Nordeste esquecido, o dos baixos indicadores socioeconômicos e resultante de uma política de distribuição de renda desigual (DANTAS et alli, 2006, p.43).

A força de uma modernização pautada no turismo em Fortaleza pode ser entrevista a partir de alguns indicadores que revelam a intensificação da atividade turística na cidade nos últimos anos. Além de receber o turismo direcionado à própria cidade, a cidade centraliza a distribuição dos fluxos para as praias das costas leste e oeste do estado. Em 1995, o volume da demanda turística endereçada ao estado do Ceará, através de Fortaleza, foi estimado em 761 mil pessoas; em 2013, esta cifra já ultrapassava o umbral de 3 milhões de turistas (SETUR/CE, 2014). Fortaleza foi o destino mais vendido para turistas nacionais em agências de viagens entre os anos de 2003 e 2005 (DANTAS, 2006) e de 2007 a 2013, o movimento anual de passageiros em seu aeroporto passou de 2,5 milhões a 3,1 milhões de pessoas. A ampliação de sua capacidade de hospedagem ao longo da última década também aparece como um indicador importante: em 1999, havia em Fortaleza 131 meios de hospedagem (hotéis, albergues e *flats*), totalizando 12.159 leitos; em 2012, já eram mais de 200 meios de hospedagem com 26.988 leitos. Vale destacar que Fortaleza é a capital brasileira com a maior concentração de meios de hospedagem, uma vez que concentra 76,5% dos estabelecimentos de hospedagem do estado do Ceará (SETUR/CE, 2014).

A grande quantidade de agências de turismo, mais de 330 apenas em Fortaleza, também evidencia a intensidade da atividade turística (SETUR/CE, 2014). Contudo, o turismo acaba por exercer também um efeito dinamizador sobre outras atividades não diretamente relacionadas a ele, mas que não deixam de representar “suportes” à sua realização. Multiplicam-se, assim, os efeitos decorrentes do turismo para certas atividades não turísticas de diferentes ramos que sustentam sua prática, como os serviços de restaurantes, lanchonetes e bares, os comércios em centros de compras e artesanato, a pesca e o abastecimento, entre outras (CORIOLANO e FERNANDES, 2007).

Nesta direção, é importante ressaltar que Fortaleza compreende também uma das cidades-sede dos jogos da Copa do Mundo da Fifa a ser realizada entre junho e julho de 2014 no país. Embora restrito a um período breve, a magnitude e o fluxo de capital aportado por este evento esportivo devem dinamizar o setor

hoteleiro, a locação de veículos, os serviços de transportes, fretes, restauração e alimentação, assim como o setor imobiliário na cidade. A disputa por clientes através da oferta de pacotes por agências e hotéis no período prévio à competição é intensa. Contudo, observa-se igualmente o processo de remoção de populações carentes para a adequação da infraestrutura nos arredores do estádio de futebol, assim como um efeito inflacionário antecipado na cidade decorrente da expectativa da chegada de capitais estrangeiros, sobretudo nos ramos supracitados. Estes processos tendem a acentuar o caráter corporativo e fragmentado (SANTOS, 1990) assumido atualmente por esta metrópole.

Em Fortaleza, grandes redes hoteleiras internacionais, *shoppings centers*, lojas de grifes internacionais e restaurantes sofisticados encontram-se concentrados nas parcelas mais privilegiadas da cidade, intensificando, assim, a valorização e a especulação imobiliárias e aprofundando, ao mesmo passo, a segregação. Esta porção da cidade é bastante restrita e abrange os bairros de residência da população de alta renda – como Aldeota, Meireles e Varjota – localizados na faixa leste da cidade, onde estão concentrados também os principais serviços e equipamentos de consumo. Compondo sua face moderna e verticalizada, esta área se consolida hoje como a nova centralidade hegemônica de Fortaleza, frente ao avanço da desvalorização do antigo centro da cidade (SOUZA, 2006). Por outro lado, na costa oeste e no “interior” do município, estão situados os bairros onde reside a maior parte da população de baixa renda e que se encontram menos providos de infraestrutura e serviços básicos, ou seja, as parcelas da cidade não alcançadas pelos vetores da modernização recente.

Se por um lado, a paisagem de Fortaleza revela um cenário de modernidade recém-instalado para a promoção do turismo; por outro, abriga também conteúdos que expõem o grau de carência e precariedade das demais frações da cidade e da maioria de sua população. Como colocam Santos e Silveira (2001, p.285), embora as grandes cidades busquem se adaptar às demandas da economia mais moderna, “(...) adequando o seu espaço construído às respectivas exigências. Isso, porém, atinge apenas uma pequena parcela do território urbano”.

A paisagem da cidade revela, assim, que a modernidade ligada ao turismo concentra-se em uma parcela bastante restrita do tecido urbano e, mesmo nessa área, é grande a presença de uma população carente. O fato de que haja favelas ou de núcleos favelados em praticamente todos os bairros de Fortaleza, com exceção apenas de Aldeota, Meireles e Varjota (SOUZA, 2006) – os bairros onde reside a população de maior renda – representa um indicador bastante revelador da condição de pobreza de grande parcela de sua população e da precariedade do seu meio construído. De acordo com Silva (1986), até meados dos anos 1980, quase 25% da população da cidade vivia em favelas, 57% dos domicílios não estavam ligados à rede de energia elétrica e tampouco dispunham instalações sanitárias. Nos anos 2000, as condições de habitação da maioria pobre de Fortaleza se mantêm bastante precárias. Segundo Maricato (2006), 28% de sua população ainda vive em favelas e 36% em habitações precárias em áreas de risco ou em moradias inadequadas. Estima-se que, no início dos anos 2000, houvesse mais de 330 favelas na cidade, onde moravam cerca de 540 mil famílias (SILVA, 2007). Nesta direção, observa-se que o avanço da mancha urbana da capital em direção aos demais municípios da Região Metropolitana de Fortaleza ocorre hoje, em grande medida, por meio da formação de grandes favelas e de imensos conjuntos habitacionais no entorno periférico metropolitano.

A visão de Costa traduz a conformação deste cenário desigual e contraditório que caracteriza a metrópole de Fortaleza no período atual:

Cresce a economia cearense, expandem-se, verticalizam-se e adensam-se os bairros ricos e de classe média. Mas concentra-se a riqueza, aumentam o desemprego, a miséria, a violência urbana, as áreas faveladas, os desequilíbrios e os conflitos sociais. Fortaleza é a própria contradição. Cidade dinâmica, turística, com setores de alto padrão e ao mesmo tempo miserável (COSTA, 2007, p.94).

Estima-se que cerca de 33% dos domicílios na Região Metropolitana de Fortaleza tenham atualmente uma renda per capita inferior a $\frac{1}{2}$ salário mínimo, ou seja, compreendem domicílios pobres, segundo a linha de pobreza usualmente empregada nas estatísticas no país (ROCHA, 2003). Em 2007, este percentual chegou a ultrapassar o umbral de 40% dos lares, evidenciando a dimensão da pobreza nesta metrópole (IBGE/ PNAD, 2007, 2009). Somente na capital, onde

vivem 2,5 milhões de habitantes, estima-se que haja mais de 310.000 famílias pobres, dentre as quais, quase 180.000 são beneficiárias do Programa Bolsa Família. No estado do Ceará, cuja população é de 8,5 milhões de habitantes, há mais de 1,1 milhão de famílias beneficiárias deste programa (MDS, 2010).

Conforme assevera Santos (1975), pobreza e circuito inferior são sinônimos, daí a enorme dimensão assumida pelo circuito inferior da economia urbana em Fortaleza, visto que grande parte da população pobre garante sua sobrevivência, nesta metrópole, através da realização de atividades pouco capitalizadas, desenvolvidas com baixos graus de tecnologia e organização. De acordo com Santos (1975), as cidades abrigam divisões do trabalho coexistentes que, por sua vez, compreendem circuitos da economia urbana. Estes circuitos se distinguem em função dos diversos graus de tecnologia, capital e organização assumidos pelas atividades urbanas: quando estes são altos, trata-se do circuito superior, incluindo sua porção marginal; quando são baixos, trata-se do circuito inferior. O circuito superior – composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores – é o resultado direto das modernizações que atingem o território. O circuito inferior, por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo da população de baixa renda. Este circuito pode ser compreendido, assim, como as formas de trabalho urbanas assumidas pela pobreza nas grandes cidades (MONTENEGRO, 2006).

Em Fortaleza, as mais diversas pequenas atividades urbanas garantem, à população pobre, a obtenção de alguma renda, ainda que mínima, e o consumo de bens e serviços de menor valor agregado. Aproximadamente 55% de sua população ocupada trabalha em atividades ditas de “baixa produtividade”; dentre estas, as ocupações de maior representatividade, na cidade, são: comerciante varejista e ambulante, empregado doméstico, costureiro, cabeleireiro, manicure, artesão e mecânico. Cerca de 70% destes trabalhadores possuía, em 2007, um

rendimento menor ou igual a um salário mínimo daquele ano (MESQUITA, 2008), fato que evidencia o baixo nível de remuneração da maioria destes trabalhadores.

O circuito inferior de Fortaleza abrange também uma grande quantidade de pequenas empresas que não possuem condições de adotar tecnologias sofisticadas em seu processo produtivo. Segundo dados da Associação de Micro Empresas de Fortaleza, há cerca de 650 mil micro e pequenas empresas no Ceará, dentre as quais 500 mil seriam “informais”. A fabricação de confecções, sapatos, bijuterias e móveis, o comércio destes mesmos artigos, lanchonetes, serviços de informática, mototáxi, borracheiro, sapateiro e relojoeiro figuram entre os principais ramos de atividades dos pequenos negócios localizados em Fortaleza.

A modernização recente de Fortaleza vem alterando, contudo, as dinâmicas e a composição de sua economia urbana, haja vista o aumento da oferta de bens e serviços sofisticados e a crescente instalação de grandes empresas, inclusive transnacionais. Com a crescente participação da cidade nas lógicas de produção e consumo globalizadas, há uma elevação do grau de modernização e capitalização das empresas do circuito superior da economia presentes na cidade. Daí resulta, por conseguinte, uma ampliação da distância entre as atividades dos dois circuitos da economia urbana em Fortaleza, uma vez que se ampliam as distâncias entre os graus de capitalização, organização e tecnologia das atividades e que, com isso, impõem-se novos crivos de valorização (MONTENEGRO, 2011).

As considerações de Sassen (2003), a seguir, apontam para certas dinâmicas envolvidas em processos desta natureza.

A implantação de processos e mercados globais significa que o setor internacionalizado da economia se expandiu de forma pronunciada e impôs uma nova dinâmica de valorização – ou seja, um novo conjunto de critérios para valorizar (...) diversas atividades econômicas e produtos. Isto teve efeitos devastadores em grandes setores da economia urbana. Os altos preços e os níveis de lucro no setor internacionalizado e em suas atividades subsidiárias (...) tornaram cada vez mais difícil para os outros setores a concorrência por espaço e investimentos. Muitos destes outros setores experimentaram uma considerável desvalorização (SASSEN, 2003, p.17).

No processo recente de consolidação do turismo como vetor de modernização no estado do Ceará, tem prevalecido, assim, a lógica do grande

empreendimento, a qual não vem, por sua vez, suscitando a incorporação do pequeno capital e da população local, e quando o faz é de forma precária. Contudo, a economia popular também tem encontrado seus meios de se adaptar e participar de forma ativa, ainda que indiretamente, desta modernização recente de Fortaleza, como veremos a seguir.

INSERÇÕES E ADAPTAÇÕES DO CIRCUITO INFERIOR NA METRÓPOLE TURÍSTICA

Os impactos dos vetores do turismo se distribuem de forma desigual pelo estado do Ceará. O litoral próximo à capital compreende um espaço que foi bastante alterado nos últimos anos, haja vista o surgimento de uma nova paisagem composta por grandes hotéis, *resorts*, pousadas, residências secundárias, parque aquáticos e pela ampliação da infraestrutura turística. Estes processos têm implicado não só a valorização fundiária e imobiliária, mas também o desalojamento de muitos dos moradores mais antigos, dado o rearranjo da posse e da propriedade na região. As transformações recentes impactam também a divisão social do trabalho local. Enquanto a atividade de pesca em pequena escala se torna mais escassa, multiplicam-se ocupações como a de caseiros e de empregadas domésticas (em residências de veraneio) e a prestação de serviços diversos em pousadas e restaurantes (limpeza, manutenção, restauração etc) (DANTAS, 2007). Como suporte ao turismo, surgem também atividades como a de jangadeiros, “bugueiros” e guias que oferecem passeios aos turistas (até mesmo em burricos ou cavalos).

Em Fortaleza, por sua vez, os impactos da modernização recente sobre as populações pobres e a economia popular assumem uma escala e uma natureza distintas, dada a maior complexidade da divisão social e territorial do trabalho, ou ainda, dada a maior densidade de eventos nesta metrópole.

A ampliação da distância entre as atividades dos dois circuitos da economia urbana em Fortaleza se revela, por exemplo, através da expansão dos meios de hospedagem de maior nível de capitalização que vêm impactando, de modo indireto, diversos pequenos negócios do circuito inferior em Fortaleza; uma vez

que o setor hoteleiro envolve uma relação de complementaridade com empresas de diversos ramos, tais como agências de viagens, lavanderias, padarias, fornecedores de frutas etc.

Antes da chegada das grandes redes hoteleiras, serviços desta natureza eram demandados sobretudo a micro empresas que atendiam aos meios de hospedagem locais. Atualmente, com a internacionalização de grande parte da rede hoteleira, mesmo as demandas mais simples tendem a ser endereçadas a empresas que já possuem um maior nível de capitalização. Assim, se outrora os hotéis de Fortaleza terceirizavam a lavagem de roupas para lavanderias de fundo de quintal; hoje, são as lavanderias industriais que têm assumido esta tarefa. Mercarias que abasteciam hotéis e pousadas tendem a perder espaço para os maiores supermercados e grandes padarias. A crescente associação dos hotéis às maiores agências de turismo, visando à oferta de pacotes e passeios aos hóspedes, implica também o aumento da concorrência para guias independentes e pequenas agências.

Observa-se, por conseguinte, a transferência de diversas demandas que antes eram atendidas por pequenos negócios do circuito inferior para o circuito superior e superior marginal. As maiores empresas avançam assim sobre o mercado das pequenas, revelando-nos, assim, uma das faces do processo de oligopolização da economia de que fala Silveira (2010).

Contudo, o circuito inferior da economia também se insere ativamente nesta modernização turística recente de Fortaleza, através da realização de atividades mais precárias e menos capitalizadas, mas que, no entanto, não deixam de atrair e sustentar o turismo. Daí, por exemplo, a expansão da produção e da comercialização do artesanato e de produtos semi-industriais, dos serviços de passeios em *vans* e micro-ônibus, da venda de alimentos típicos etc.

Atividade típica do circuito inferior, o comércio ambulante assume uma característica singular nas praias de Fortaleza, haja vista sua forte expansão quantitativa e a diversificação dos artigos e serviços oferecidos nos últimos anos. Na praia mais frequentada pelos turistas na cidade, a Praia do Futuro, os artigos vendidos por centenas de ambulantes vão de picolés, bronzeadores e protetores

solar a chapéus bonés, óculos de sol, biquínis, saídas de praia, espetinho de queijo coalho, água de coco, salada de frutas, castanha, camarão, caju, salgados, DVDs e CDs de forró, pinturas, pôsteres etc. Os serviços oferecidos também são bastante variados: massagem, manicure, pedicure, tatuagem de *henna*, repentistas e caricaturistas. Os vendedores ambulantes que trabalham nas praias da cidade podem atuar por conta própria ou como subcontratados por outros comerciantes. O comércio ambulante pode representar sua ocupação principal ou um trabalho de ocasional em fins de semana e/ou nas altas temporadas, revelando a importância da sazonalidade do turismo nas grandes cidades litorâneas, inclusive para a economia popular.

Este circuito inferior de praia (MONTENEGRO, 2011), cada vez mais populoso e diversificado, constitui uma das especificidades do circuito inferior de Fortaleza. Sua dimensão aponta para a intensidade da pobreza na cidade, revelando, ao mesmo passo, a natureza auto-inflacionária (McGEE, 1971) e a capacidade de renovação do circuito inferior da economia.

A SIMBIOSE ENTRE A FEIRINHA DA AV. BEIRA-MAR E A DEMANDA TURÍSTICA EM FORTALEZA

A supracitada capacidade de reformulação do circuito inferior no período atual pode ser especialmente analisada a partir de um dos principais pontos turísticos da cidade, a feirinha de artesanato (Foto 01) da Avenida Beira-Mar (Foto 02) de Fortaleza. Localizada na praia da Meireles, esta feira é realizada diariamente no calçadão da Av. Beira-Mar que constitui, por sua vez, o ponto mais valorizado da cidade, assim como a principal localização de seus hotéis de luxo e dos serviços voltados à atividade turística. De acordo com Gonçalves e Amora (2009, p.104):

a maioria absoluta dos hotéis se fixou, principalmente, nas avenidas Beira-Mar e Abolição (...), bem como os equipamentos de apoio à atividade turística como postos bancários, agências dos correios, *fast-foods*, restaurantes, agências de viagens, locadoras de veículos, casas de câmbio, farmácias, supermercados, entre outros.

Enquanto um dos pontos mais tradicionais de visitação de turistas em Fortaleza, a feirinha abriga um circuito inferior profundamente relacionado com o

perfil turístico da cidade, reunindo, ademais, situações reveladoras de diferentes formas de participação dos agentes menos capitalizados nos nexos da modernização recente desta metrópole, como veremos a seguir.

Na ocasião de seu surgimento, em meados dos anos 1980, a maioria dos feirantes que aí trabalhavam eram migrantes advindos do sertão para a capital. Ao longo das décadas seguintes, a feirinha sofreu uma grande expansão. Ao mesmo passo, na Av. Beira-Mar, intensificaram-se a verticalização e a “instalação de grandes hotéis de redes internacionais em decorrência da inserção de Fortaleza no turismo mundializado” (GONÇALVES e AMORA, 2009, p.102). Apesar de sua intensa valorização, a Av. Beira-Mar não deixa de reunir uma grande diversidade de usos relacionados ao trabalho e ao lazer. Em seu calçadão, combinam-se práticas variadas, envolvendo, entre outros, turistas, esportistas, feirantes, ambulantes, artistas plásticos e guias que oferecem *tours* e passeios.



Foto 01 - Barracas da feirinha da Avenida Beira-Mar in MONTENEGRO, 2011.



Foto 02 - Avenida Beira-Mar, na praia do Meireles, de Fortaleza in MONTENEGRO, 2011.

Compondo um cenário de centenas de pequenas barracas, a feirinha da Av. Beira-Mar ocorre todos os dias da semana a partir das 17hs. É gerenciada e fiscalizada pela Prefeitura desde os anos 1980 e teve, em 2005, o número de feirantes delimitado em 650; embora este umbral não seja respeitado e tampouco o perímetro delimitado para sua realização, sobretudo nos finais de semana. Os vendedores cadastrados e autorizados são permissionários da Prefeitura e devem

pagar uma taxa mensal de ocupação do espaço público por seus boxes (barracas).

Dada a natureza sazonal do turismo, há uma forte oscilação no movimento de clientes na feirinha ao longo do ano. Em janeiro de 2013, por exemplo, a taxa de ocupação dos hotéis em Fortaleza alcançou 88,9%, enquanto em maio deste mesmo ano, esta taxa estava em 58,9% (SETUR/CE, 2014). Esta variação se reflete no mercado da feira em questão, visto que a grande maioria de sua clientela é composta pelos hóspedes dos grandes hotéis da Av. Beira-Mar. Segundo Gonçalves e Amora (2009, p.107) a feirinha se “formou em função do estabelecimento dos hotéis na orla e, conseqüentemente, pelo grande fluxo de turistas no calçadão, atraindo também um grande número de vendedores ambulantes que utilizam aquele espaço público como local de trabalho”.

De acordo com Beaujeu-Garnier (2006), a função turística se destaca entre as chamadas “funções de enriquecimento” geradoras de fluxos monetários suscetíveis de acumulação nas cidades. O capital aportado pelos turistas às grandes cidades se distribui, efetivamente, entre diferentes tipos de consumo. Em Fortaleza, por exemplo, estima-se que cada turista tenha gastado, em média, cerca de R\$ 160,00 por dia em 2013 e que, deste valor, 30% tenha sido despendido em compras, 20% em hospedagem, 20% em alimentação, 17% em passeios e lazer e 10% em transportes. Tendo em vista que a permanência média do turista na capital cearense é de 11 dias, é possível avaliar a importância do volume de capital aportado pelo turismo à cidade e o grau de dependência de diversas atividades à demanda por ele originada (SETUR/CE, 2014). Com a crescente internacionalização das empresas voltadas às demandas turísticas, é difícil, porém, estimar qual a parcela deste capital que permanece efetivamente na cidade, haja vista sua crescente apropriação por um reduzido número de agentes globalizados do circuito superior da economia.

ADEQUANDO-SE ÀS MODERNIZAÇÕES E AO MERCADO GLOBALIZADO

O processo de oligopolização da economia não impede, contudo, que os agentes do circuito inferior também desenvolvam suas estratégias para adaptar-se

não só à internacionalização do mercado turístico, mas aos diferentes nexos do período da globalização. A feirinha da Av. Beira-Mar representa, nesta direção, um lugar bastante representativo destes processos, na medida em que nos permite analisar, por exemplo, como uma atividade dita “tradicional”, como o artesanato, se atualiza conforme as vagas de modernização.

Vale destacar, nesta direção, a importância dos produtos artesanais nas compras derivadas do turismo em Fortaleza. Segundo pesquisa realizada pela SETUR/CE (2006), na ocasião das compras efetuadas por turistas, os produtos de suas preferências foram: artesanatos (65,2%), confecções/ roupas (62,3%), calçados (29,9%), bijuterias (23,5%), castanhas de caju (23,0%) e bolsas (19,3%), entre outros.

A venda de produtos artesanais regionais e de produtos típicos do Ceará era predominante na feirinha da Beira-Mar até meados dos anos 1990. Até então, preponderavam artigos como a castanha de caju e seus derivados, acessórios de couro, redes artesanais, bordados nordestinos como a renascença e o bilro, enfeites de areia colorida em potes de vidro, esculturas de madeira, bijuterias de conchas etc. Nos últimos anos, porém, esta composição sofreu uma alteração bastante considerável, dada a crescente presença do chamado “industrialato” (PINHO, 2002), de artigos customizados (item industrializado ao qual é acrescido algum adereço artesanal) e de produtos industrializados (confecções, bolsas, bonés, *nécessaires* etc) e não típicos da região. Destarte, verifica-se que atualmente os principais artigos aí comercializados são: roupas, bolsas, biquínis, bijuterias, calçados, comidas e bebidas típicas do Ceará (caju, castanha de caju, doce de caju, cocadas, rapaduras, pimentas, pingas, tapiocas etc), *souvenirs* diversos, redes, toalhas de mesa, artigos de decoração, “lembrancinhas”, quadros em madeira etc.

Tornam-se, assim cada vez mais escassas as barracas em que artesãos comercializam sua própria produção, ao mesmo passo em que se multiplica o número de barracas de roupas e acessórios, artigos hoje predominantes. Este rearranjo da composição dos artigos vendidos na feirinha da Beira-Mar de Fortaleza revela transformações recentes que perpassam as atividades ligadas ao

artesanato. Diversas feiras onde inicialmente, ou supostamente, eram comercializados artigos representativos de artesanatos regionais, hoje se caracterizam pela venda de uma gama de produtos que, na maioria dos casos, não são artesanais, haja vista sua origem e os meios empregados em sua produção. Conforme colocam Fernandes e Maia (2010, p.67):

Isso faz com que nestas feiras sejam vendidos mais “industrianatos” do que peças feitas artesanalmente (...). Desse modo, feiras que anteriormente só comercializavam artesanato são descaracterizadas e transformadas em feiras de variedades, tamanha a diversidade de seus produtos, tornando-se às vezes o artesanato um elemento residual em meio à predominância do industrianato e mesmo de produtos industrializados.

O artesanato não admite uma definição ou conceituação rígida, mas entende-se, de modo geral, o objeto artesanal como aquele portador autêntico de raízes do lugar onde é elaborado (PINHO, 2002). Para além de um processo de produção realizado com técnicas manuais, que pressupõem a ausência de procedimentos industriais em sua criação, os artigos artesanais representam e identificam sua região de origem (FERNANDES e MAIA, 2010). Nesta direção, é importante acrescentar que o artesanato encontra-se, ao mesmo tempo, sujeito a um processo contínuo de adaptação e reconstrução.

A ampliação do mercado turístico, composto inclusive por turistas estrangeiros, envolve não apenas uma produção de artigos artesanais em maior escala, mas também sua crescente adaptação aos modelos demandados e, de certo modo, impostos por uma clientela com anseios cada vez mais globalizados e, ao mesmo passo, mais padronizados. Daí resulta o avanço da produção e da comercialização do chamado “industrianato” que impõe, por sua vez, novos processos de trabalho ao artesão, o qual se torna, muitas vezes, apenas o reprodutor dos itens mais demandados pela moda, não controlando mais o processo de criação de suas peças. Haveria, por conseguinte, uma substituição da produção individualizada em pequena escala por uma produção em série, pautada, entre outros, pelo gosto do turista em cada momento.

Na visão de Ortega y Gasset (1963), o artesão se encontraria, assim, cada vez mais desapropriado de uma das etapas da técnica que lhe pertence, ou seja,

a invenção e a elaboração de um plano de atividade para realizá-la, restando-lhe apenas a fase da execução. Observa-se, por conseguinte, um avanço do processo de massificação dos produtos tradicionalmente fabricados de forma artesanal, ou ainda, de “estereotipação” do artigo artesanal (PINHO, 2002), cuja produção encontra-se cada vez mais moldada para atender ao mercado turístico.

O crescimento da produção artesanal depende de um novo tipo de demanda motivado pela afeição turística pelo pitoresco, por um certo nacionalismo que é mais simbólico do que efetivo e pela necessidade de se renovar, oferecendo variação e rusticidade dentro da padronização industrial (CANCLINI, 1983, p.100).

No caso da feirinha da Av. Beira-Mar, apesar da presença crescente dos produtos industrializados, observa-se também certa permanência de artigos artesanais, sobretudo nas barracas que seguem vendendo peças de bordado, renascença, bilro, *richelieu* etc. Dentre estas, no entanto, variam os graus de padronização e homogeneização dos produtos. Além disso, os mesmos itens podem ser encontrados tanto em suas versões mais industrializadas quanto em suas versões originalmente artesanais. Há, assim, níveis diversos de avanço desta tendência de “estandarização” que permeia progressivamente as dinâmicas do artesanato nas grandes metrópoles turísticas. De todo modo, a feirinha da Av. Beira-Mar de Fortaleza pode ser cada vez menos caracterizada como uma feira de produtos típicos regionais e artesanais, visto que artigos como as rendas de renascença, bilro, *richelieu*, filé e labirinto, redes e produtos derivados da castanha se tornam cada vez mais raros.

Destarte, se parte dos feirantes ainda comercializa artigos artesanais fabricados no Ceará, outra parte comercializa itens industrializados provenientes de São Paulo e até mesmo da China. Esta ampliação das escalas do circuito inferior se revela especialmente nas chamadas feirinhas e mercados populares, evidenciando o processo de alargamento dos circuitos espaciais de produção (SANTOS, 1985) dos quais certos agentes do circuito inferior passam a participar no período atual.

De acordo com Machado (2008), desde os anos 1980, há um aumento da presença de produtos “*made in China*” nas feirinhas das grandes cidades

brasileiras. Desde a inauguração da Ponte da Amizade, entre Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este*, estes mercados populares passaram a comercializar produtos oriundos do sudeste asiático, sobretudo da China. Na década de 1990, este fenômeno adquiriu proporções ainda maiores com a abertura dos mercados e a crescente recepção de mercadorias importadas no Porto de Santos. Ao adentrarem o país, estes produtos integram cadeias de distribuição e comercialização que terminam nos mercados populares das grandes cidades. Inserido nesta dinâmica, o circuito inferior funciona como a ponta final de uma cadeia de intermediários, ou ainda, de um circuito espacial de produção que começa no exterior e se capilariza pela cidade através de feirantes e vendedores ambulantes.

As diferentes origens dos artigos comercializados na feirinha da Av. Beira-Mar de Fortaleza revelam esta combinação de artigos importados – como bolsas, bonés, *nécessaires*, brinquedos de plástico etc – advindos do sudeste asiático, com artigos procedentes de Fortaleza, de municípios cearenses ou de outros Estados da região Nordeste. Ao mesmo passo em que há uma ampliação da escala dos circuitos espaciais de produção de que participam os agentes do circuito inferior em questão, mantém-se a importância da integração em circuitos espaciais produtivos de alcance regional, sobretudo nos ramos de confecção, redes e alimentos típicos. O abastecimento na própria cidade ainda se destaca, assim, entre as diferentes origens dos artigos comercializados na feirinha. No entanto, a procedência regional não implica necessariamente que o artigo seja artesanal. Nesta direção, a imitação, componente característico da economia popular, também se faz especialmente presente através da cópia de produtos de grandes marcas e assume formas bastante criativas.

Contudo, para além da adaptação do artesanato aos padrões de produção e comercialização atuais, a feirinha da Av. Beira-Mar abriga outros elementos representativos de processos que revelam a capacidade de renovação e ajuste do circuito inferior aos nexos do período da globalização.

A inserção no turismo globalizado e a participação nas modernizações recentes envolvem também, por exemplo, a crescente financeirização das formas

de pagamento oferecidas. Daí o progressivo aumento da possibilidade de pagamento com cartões de crédito e de débito não só na feirinha da Av. Beira-Mar, mas também em outros pontos turísticos mais populares de Fortaleza. É interessante notar como muitos dos feirantes que possuem os terminais para pagamento com cartões cobram preços distintos se o pagamento for feito no cartão ou em espécie, sendo o primeiro, em geral, R\$ 5,00 mais caro que o último. A expansão da financeirização das formas de pagamento implica, ao mesmo tempo, a redução da prática da pechincha entre vendedores e clientes.

Se, por um lado, sua adoção representa a possibilidade de abarcar uma maior parcela do mercado consumidor para os vendedores que diversificam as formas de pagamento oferecidas; por outro lado, a incorporação dos terminais eletrônicos apresenta certos inconvenientes aos agentes do circuito inferior, relacionados sobretudo aos altos custos operacionais das bases de cartão de crédito e de débito. Além de mensalidades pagas pelo aluguel das máquinas (na faixa de R\$ 50,00 a R\$ 60,00 mensais), são cobradas também porcentagens, de 2% a 5%, sobre o valor de cada transação realizada. Há ainda o custo da linha telefônica, tanto no caso dos terminais fixos, quanto no caso dos terminais móveis que funcionam através de redes de telefonia celular e de radiofrequência.

A adoção das “maquininhas” para o pagamento com cartões implica, assim, uma aceleração da drenagem da poupança popular para o circuito superior, uma vez que se multiplicam os canais que a conduzem. À tal subordinação financeira, acresce-se ainda uma dependência técnica, haja vista a imposição do uso exclusivo dos terminais eletrônicos de empresas autorizadas pelas bandeiras de cartão de crédito. Contudo, ao mesmo passo em que estas novas formas de pagamento se capilarizam pela economia popular, emergem também diferentes formas de contornar a rigidez por elas impostas, como os diferentes acordos estabelecidos entre vendedores, envolvendo o empréstimo das máquinas para passar os cartões e as porcentagens do valor das operações para o uso das mesmas. Os “empréstimos” podem se estender inclusive a estabelecimentos localizados em outras partes da cidade.

Vemos aí como os novos vetores do período permeiam a economia popular através de diferentes canais. As modernizações envolvidas na prática do turismo impactam, efetivamente, os dois circuitos da economia de modo distinto. Ao focarmos a pobreza urbana, distinguimos diferentes processos representativos da adaptação e da subordinação da economia popular aos nexos da globalização, os quais revelam, por sua vez, como os agentes menos capitalizados participam das modernizações recentes nesta metrópole.

ENTRE O TURISMO GLOBALIZADO E A REPRODUÇÃO DE UMA POBREZA EM TRANSFORMAÇÃO

A crescente participação de Fortaleza nas lógicas de produção e consumo globalizadas, sobretudo através da promoção do turismo, tem envolvido uma adequação de seu meio construído e uma elevação do grau de modernização e capitalização das empresas do circuito superior da economia presentes na cidade. Estes processos têm implicado, de certo modo, uma perda de mercados para o circuito inferior da economia, haja vista a natureza do processo de modernização adotado recentemente, o qual tem resultado em uma cidade que se consolida, cada vez mais, como meio para oligopolização da economia e como a própria manifestação de uma economia oligopolizada (SILVEIRA, 2010).

Neste contexto, Fortaleza reúne elementos que explicitam o caráter contraditório de sua inserção na globalização: por um lado, uma paisagem moderna equipada para a promoção do turismo e, por outro lado, um meio construído precário predominante na maior parte do tecido urbano da cidade, onde reside a população pobre. Fortaleza se encontra, assim, entre as lógicas de um turismo globalizado e da reprodução de uma pobreza em transformação.

Conforme procuramos analisar, uma das faces da reprodução da pobreza metropolitana reside na expansão do circuito inferior da economia e em sua reformulação permanente frente aos nexos do período atual. A capacidade de adaptação do circuito inferior às transformações conjunturais do momento deve, efetivamente, renovar-se constantemente. Conforme afirma Santos (1978, p.253),

enquanto o circuito superior tende a criar a conjuntura, “o circuito inferior só pode funcionar através de uma adaptação estreita às condições conjunturais”.

Em uma metrópole turística como Fortaleza, os agentes menos capitalizados têm encontrado seus meios para participar, ainda que de modo subordinado, do modelo de modernização adotado pela cidade. As novas lógicas que permeiam a produção do artesanato regional compreendem, nesta direção, um elemento bastante representativo do processo de adequação da economia popular às demandas de turistas “globalizados”, ou ainda, à sua crescente inserção em circuitos mais amplos de distribuição e consumo. O turismo acaba por exercer, assim, o papel de um elo entre os dois circuitos da economia urbana.

Frente a estes processos e ao dinamismo das mudanças em curso, cabe a Fortaleza optar pelo caminho que pretende seguir: o aprofundamento de uma modernização excludente ou um desenvolvimento mais igualitário, com a valorização da totalidade de seus agentes econômicos e a expansão do equipamento urbano à toda cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUJEU-GARNIER, J. **Géographie Urbaine**. Paris: Armand Colin, 2006, 4ª edição, 349 p.

CANCLINI, N.G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CEARÁ - SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DO CEARÁ (SETUR/CE). **Indicadores**. Fortaleza, 2014.

CORIOLOANO, L.N.M.T. e FERNANDES, L.M.M. Turismos: ações e contradições da realidade cearense. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia e DANTAS, Eustogio W. C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 383-410.

COSTA, M.C.L. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello da, CAVALCANTE, Tércia e DANTAS, Eustogio W. C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 51-100.

DANTAS, E.W.C. Litoralização do Ceará: Fortaleza, da “capital do sertão” à “cidade do sol”. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustogio W. C.; ZANELLA, Ma. Elisa e MEIRELES, Antonio J. de A. (Orgs.). **Litoral e Sertão**,

natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 269-277.

_____. O pescador na terra. In: SILVA, José Borzacchiello da, CAVALCANTE, Tércia e DANTAS, Eustogio W. C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 263-279.

DANTAS, E.W.C. et alli. Nordeste brasileiro fragmentado: de uma região com bases naturais a uma de fundamentação econômica. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustogio W. C.; ZANELLA, Ma. Elisa e MEIRELES, Antonio J. de A. (Orgs.). **Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 23-44.

ELIAS, D. Reestruturação produtiva da agricultura cearense: rumo à desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, José Borzacchiello da, CAVALCANTE, Tércia e DANTAS, Eustogio W. C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 429-461.

FERNANDES, C.de A. e MAIA, C.E.S. Artesanato no e para o mercado: as redes de produção e comercialização dos artesanatos das feiras hippie e do cerrado de Goiânia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 34, p. 62-74, junho 2010.

GONÇALVES, L.A.A. ; AMORA, Z.B. O lazer e a Beira-Mar de Fortaleza: temporalidades e territorialidades. In: AMORA, Zenilde B. (Org.). **Cenários Geográficos.** Fortaleza: Eduece, 2009, p. 89-118.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)**, Rio de Janeiro: FIBGE, 2007.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)**, Rio de Janeiro: FIBGE, 2009.

_____. **Censo Demográfico**, Rio de Janeiro: FIBGE, 2010.

MACHADO, R.P. China – Paraguai – Brasil: uma rota para pensar a economia informal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 23, n.67, p. 2-20, junho de 2008.

MARICATO, E.P.de DAVIS, M. **Planeta Favela.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MESQUITA, E.C. **Informalidade no mercado de trabalho de Fortaleza: dimensões e características.** Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho, 2008, 41p.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). **Financiamento de Assistência Social no Brasil.** Governo Federal. Brasília, dezembro, 2010.

MONTENEGRO, M.R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. São Paulo: USP, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém**. São Paulo: USP, 2011. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ORTEGA y GASSET, J. **Meditação da Técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

PINHO, M.S.M.de. Produtos artesanais e mercado turístico. In MURTA, Stela M. e ALBANO, Celina (Orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 169-180.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil. Afinal, de que se trata?** Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SANTOS, M. **L'espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés**. Paris: M.-Th. Génin, Librairies Techniques, 1975.

_____. **O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.

_____. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1990.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. ; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SASSEN, S. Localizando cidades em circuitos globales. **Revista Eure**, v.29, n.88 Santiago, p. 5-27, 2003.

SILVA, J.B.da. **Movimentos sociais populares em Fortaleza: uma abordagem geográfica**. São Paulo: USP, 1986. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 215-236.

SILVA, J.B.da, CAVALCANTE, T.; DANTAS, E.W.C. (Orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007b, p. 101-124. Silveira (2010).

MONTENEGRO, M.R. Contradições de Fortaleza: entre o turismo globalizado e a reprodução do circuito inferior da economia. *Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE*, v. 3, nº 4, p. 60-83, jan./jun. 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>

SOUZA, M.S.de. Segregação socioespacial em Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustogio W. C.; ZANELLA, Maria Elisa e MEIRELES, Antonio J. de A. (Orgs.). **Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006, p. 149-161.